

8/6/1987

Onde os bóias-frias sepultam os sonhos

Os novos líderes sindicais estão assumindo o comando de um exército de famintos. Apesar dos avanços, inclusive financeiros, conquistados nos últimos anos, os cortadores de cana — também chamados de bóias-frias ou trabalhadores volantes — vivem à beira da marginalidade social, da subnutrição e do desespero. Suas casas são casebres sujos no meio de terrenos onde o esgoto corre a céu aberto. Sua comida é o feijão com arroz ou o macarrão. Seu mundo, é o da pobreza absoluta.

Com oito filhos, Manuel e Maura Cardoso vieram há 15 anos do Paraná em busca de uma vida melhor. Hoje, em Barrinha, Manoel, a mulher e mais dois filhos — Darci, de 15 anos, e Wilson, de 13— acordam diariamente às 4 horas da manhã, preparam a marmita, o garrafão de água, a garrafa de café e, com o uniforme de bóias-frias, passam o dia na roça empunhando o podão, cortando a cana e sepultando seus sonhos. Juntos, os quatro ganham pouco mais de CZ\$ 1 mil 700 por quinzena e pagam CZ\$ 800 pelo aluguel de um tosco casebre de três cômodos, CZ\$ 260 de água e mais CZ\$ 80 de luz. “Minha valença é que ganho roupa para as crianças”, diz Maura, 31 anos, envelhecida pelo sol forte do interior paulista e pelo trabalho árduo.

Na semana passada, Maura e Manuel tinham apenas arroz na dispensa. Com a greve, não receberam seus salários. Mas nem por isso desanimam. “O usineiro só é rico porque a gente trabalha muito. Um dia ele vai ter que pagar mais”, acredita Manuel.

(Página 4)